

**HOMOGENEIZAÇÃO-
DESAMAZONIZAÇÃO-
(RE)EXISTÊNCIA: UMA
CONTRIBUIÇÃO PARA ANALISAR A
METROPOLIZAÇÃO NA AMAZÔNIA**

*HOMOGENIZATION-DE-
AMAZONIZATION-(RE)EXISTENCE: A
CONTRIBUTION TO ANALYZING
METROPOLIZATION IN THE AMAZON*

*HOMOGENEIZACIÓN-
DESAMAZONIZACIÓN-(RE)EXISTENCIA:
UNA CONTRIBUCIÓN AL ANÁLISIS DE LA
METROPOLIZACIÓN EN LA AMAZONÍA*

Anderson Carlos Fontes da Silva
Pontifícia Universidade Católica do Rio de
Janeiro
fontesprofgeo@gmail.com

Resumo:

O objetivo deste artigo é propor uma tríade como método de análise do processo de metropolização que esclarecerá de que forma esse processo acontece no espaço urbano amazônico. Este aparato metodológico está baseando na proposição da tríade “Homogeneização-Desamazonização-(re)existência” que será desenvolvida ao longo deste. A exposição feita dessa tríade já mostra que a metropolização padroniza paisagens e vivências, causando apagamento das características culturais amazônicas e acaba por gerar grupos marginalizados desse novo processo. Estes continuam reproduzindo o modo de vida tradicional amazônico, de maneira bem restrita, como modo de sobreviver na desigualdade deste novo espaço produzido. A expectativa é que a proposição dessa tríade venha elucidar de que forma a metropolização tem produzido um novo espaço amazônico. Um espaço que não inclui, pelo contrário, diferencia e marginaliza, cada vez mais, sua própria população e, quem sabe, a partir das análises desta realidade, desvelar um futuro amazônico menos desigual, mais inclusivo, que guarde mais suas tradições, costumes, hábitos e paisagens.

Palavras-chave: Metropolização, Amazônia, Espaço, Homogeneização, Resistência.

Terra Livre

São Paulo

Ano 40, v.1, n.64, jan-jun 2025

ISSN: 2674-8355



Este trabalho está licenciado com <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Abstract:

The objective of this article is to propose a triad as a method of analyzing the process of metropolization that will clarify how this process occurs in the urban space of the Amazon. This is based on the proposition of the triad “Homogenization-De-Amazonization-(re)existence” that will be developed throughout this article. The exposition made of this triad already shows that metropolization standardizes landscapes and experiences, causing the erasure of Amazonian cultural characteristics and ends up generating marginalized groups in this new process. These continue to reproduce the traditional Amazonian way of life, in a very restricted way, as a way of surviving in the inequality of this new space produced. The expectation is that the proposition of this triad will elucidate how metropolization has produced a new Amazonian space. And, who knows, based on the analysis of this reality, reveal a less unequal, more inclusive Amazonian future, which preserves more of its traditions, customs, habits and landscapes.

Keywords: Metropolization, Amazon, Space, Homogenization, Resistance..

Résumé / Resumen:

El objetivo de este artículo es proponer una tríada como método de análisis del proceso de metropolización que permita esclarecer cómo se desarrolla este proceso en el espacio urbano amazónico. Esto se fundamenta en la propuesta de la tríada “Homogeneización-Desamazonización-(re)existencia” que se desarrollará a lo largo de este. La exposición de esta tríada ya muestra que la metropolización estandariza paisajes y experiencias, provoca la borradura de características culturales amazónicas y termina generando grupos marginados en este nuevo proceso. Continúan reproduciendo el modo de vida tradicional amazónico, de forma muy restringida, como forma de sobrevivir en la desigualdad de este nuevo espacio producido. La expectativa es que la propuesta de esta tríada dilucida cómo la metropolización ha producido un nuevo espacio amazónico. Y, tal vez, a partir del análisis de esta realidad, podamos develar un futuro amazónico menos desigual, más inclusivo y que preserve más de sus tradiciones, costumbres, hábitos y paisajes.

Palabras-clave: Metropolización, Amazonía, Espacio, Homogeneización, Resistencia.

Introdução

O movimento da vida social urbana está cada vez mais acelerado. Este fato pode ser comprovado pela simples observação do dia a dia: trabalhadores e estudantes acordando cedo, para não perder seu transporte público; a ansiedade em não perder tempo e chegar ao seu determinado destino; as informações chegando rapidamente pelas ondas de internet até a tela do celular; a impaciência por longas discussões em sala de aula ou por vídeos longos em redes sociais; shoppings lotados em busca do melhor produto; cinemas cheios para o lançamento de um novo filme; tecnologias novas surgindo a todo momento, facilitando todas as áreas da vida; e etc. Apenas para citar alguns dos mais variados exemplos da vida social urbana.

Porém, os resultados dessa observação podem nos mostrar uma imagem não exata do que é o cotidiano da sociedade urbana. Isto se dá por uma das investigações feitas por Henri Lefebvre, o estudo das representações. Este estudo “destina-se a entender o processo pelo qual a força do representado se esvai, suplantada por seu representante por meio da representação, e como essa representação distancia-se do vivido e se multiplica, manipulando o vivido” (Lufti; Sochaczewski; Jahnel, 1996, p. 89). Isso não significa que àquela observação feita esteja errada. No que concerne às representações não existem verdadeiras ou falsas, como dualidade separada em si. Mas através de sua análise, há de se perceber que elas são verdadeiras e falsas.

Quando Lefebvre escreve o livro “Critique de la vie quotidienne”, em 1947, seu interesse é analisar a sociedade capitalista, as formas e mecanismos de alienação na sociedade – não

só capitalista, mas também socialista. Lefebvre (1947) faz uma crítica a vida cotidiana com toda a sua complexidade e dimensões, inclusive contraditórias. Apesar de Lefebvre ter como análise a sociedade francesa, sua obra é bastante atual no que se refere a sociedade atual, inclusive a brasileira. Àquela época começou-se a voltar sua atenção para os novos caminhos tomados por aquela sociedade a partir do intenso desenvolvimento tecnológico que adentrou e modificou a vida social. Evoluções que geram indivíduos alienados ou não problematizadores da realidade. Muitas portas estavam sendo abertas a partir das evoluções técnicas, porém a sociedade não acompanhou esse desenvolvimento no que concerne à vida cotidiana dos indivíduos. Em outras palavras, os indivíduos estavam se apossando da modernidade técnica, porém não estavam se tornando mais rica, ou como uma possibilidade de mudança da vida social, mas estavam se tornando banalizados e estupidificados, subordinados apenas ao seu fascínio, sem criticidade. O que significa uma deterioração das condições de existência, destruindo, também, modos de vida mais tradicionais sem uma reinserção efetiva nessa nova sociedade criada a partir das evoluções das tecnologias.

Do ano de 1947 até os nossos dias já passaram muitos anos, mas essa análise ainda se mantém atual. Quando lemos a análise proposta por Lefebvre (1947), encontramos muitas aproximações com a realidade brasileira contemporânea. Dentre os vários aspectos de mudanças na realidade social possíveis a partir da implantação de novas tecnologias, escolheu-se analisar, neste artigo, um processo que tem modificado de forma bastante singular no ambiente urbano, a metropolização.

Lencioni (2013) diz que a metropolização “imprime características metropolitanas ao espaço, transformando as estruturas preexistentes, independentes desses espaços serem ou não as metrópoles” (Lencioni, 2013, p. 22). Quando se pensa em metrópole, intrinsecamente se pensa em modernidade, em técnicas e tecnologias cada vez mais sofisticadas, interligadas ao modo de vida dos indivíduos metropolitanos. A metropolização é um fenômeno cuja forma e modo de vida rompe os limites da metrópole e incorpora áreas não metropolitanas. Por este motivo “hábitos culturais e valores urbanos típicos da metrópole se difundem para além dela, chegando a todo o espaço, territorializado na mercadificação generalizada” (Ferreira, 2016, p. 444). Ainda segundo Ferreira (2016), o processo de metropolização “incorpora cidades médias, as pequenas e o chamado ‘mundo rural’” (Ferreira, 2016, p. 443).

Diante disso, fica claro o caminho que se quer tomar neste texto. Em poucas palavras, o que se quer argumentar aqui é que a metropolização como fenômeno de evolução do urbano, modifica as condições de vida das sociedades, inclusive aquelas com modo de vida mais tradicionais, causando uma espécie de alienação da realidade social através das representações que esse novo modo de vida propõe para as sociedades que são incorporadas à metropolização, no caso específico deste texto, no espaço amazônico brasileiro.

A partir disso, o objetivo deste artigo é propor uma tríade como método de análise do processo de metropolização que esclarecerá de que forma esse processo acontece no espaço urbano amazônico. Este aparato metodológico está baseando na proposição da tríade “Homogeneização-Desamazonização-(re)existência” que será desenvolvida ao longo deste.

Metropolização e homogeneidade Amazônica

No seu livro “A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção”, Milton Santos aprofunda os conceitos de totalidade e totalização como fundamentos epistemológicos centrais para a compreensão e análise do espaço geográfico. Para o autor em tela, “toda totalidade é incompleta, porque está sempre buscando totalizar-se” (Santos, 2006, p. 76), ou seja, é a expressão dialética de um conjunto de elementos em movimento, contradição e interdependência já a totalização “que se está fazendo, significada pelo que chamamos de espaço” Santos, 2006, p. 77) é o processo pelo qual o pensamento busca apreender essa totalidade em suas múltiplas dimensões, reconhecendo sua complexidade e historicidade. Dessa forma, a geografia deve lançar mão da totalização como método para compreender os objetos e ações, suas articulações sistêmicas e contraditórias.

A reflexão sobre os conceitos de totalização e totalidade, elaborados por Santos (2006), permite desdobramentos importantes para análise das dinâmicas espaciais contemporâneas, sobretudo quando relacionados aos processos de homogeneização e à ideia de homogeneidade. A homogeneização pode ser entendida como um processo que busca impor uma racionalidade única aos espaços, em muitas das vezes, a serviço do capital. Esse processo tende a negar as singularidades locais, substituindo-as por formas padronizadas de organização e uso do espaço. A homogeneidade, como a espacialização do processo de homogeneização, no entanto, não é plena e nem estável. Assim como a totalidade, ela é contraditória.

Ela encobre tensões, exclusões e resistências que revelam as fissuras desse processo.

Quando se fala em homogeneidade, concordamos com Lencioni (2015) ao afirmar que a homogeneidade percebida no espaço está concatenada às similitudes paisagísticas e outras similaridades. A observação dessas características no processo de metropolização é bastante cristalina aos olhos de quem observa.

Como já citado neste texto, a metropolização impõe marcas metropolitanas a espaços não metropolitanos (Lencioni, 2013). Isto significa dizer que, utilizando-se da tríade analítica de Santos (1978), formas são transformadas para que possam realizar novas funções e, da relação entre essas duas, novas estruturas são desenvolvidas no espaço. Espaços não metropolitanos, anteriores ao processo de metropolização, têm suas características espaciais de forma-função-estrutura diferentes de espaços metropolitanos, isto é lógico. O espaço é produzido de maneira diferente de espaços metropolitanos. Não que não haja desigualdades na produção deste espaço, e há de alguma forma. Não que não haja características homogêneas entre os espaços não metropolitanos, e devem haver.

O diferencial notado no processo de metropolização é que é um processo ocorrido pela generalização da urbanização. Esta urbanização que alcança inclusive os ambientes rurais. Por isso é um processo de transformação, mais que isso, de uma metamorfose. Metamorfose nas formas, funções e estruturas que vão nos levar a outra tríade analítica, a proposta por Lefebvre (1991) percebido-concebido-vivido. O percebido, está para as práticas espaciais; o concebido, para as representações do espaço; e o vivido, para o espaço representacional.

Considerando o espaço como produto social, à medida que o processo de metropolização avança sobre o espaço, o espaço é produzido de forma diferente. A intencionalidade para produção do espaço antes do avanço do processo de metropolização é uma, a partir desse avanço, a intencionalidade é outra. O espaço percebido, as práticas espaciais, são outras, as representações do espaço mudam e a forma como se vive o espaço também.

Porém, esta metamorfose tem como finalidade à impressão de características pré-existentes em outros espaços a este novo espaço em processo de metropolização ao passo que “adere-se aos modelos de sucesso internacional que tornam as cidades meras cópias de edifícios e arquitetura; a homogeneização se revela como tendência nas formas e nas funções” (Tavares, 2020, p. 13). Quanto às estruturas, elas podem diferenciar a depender de quais sociedades se analisa. O espaço como produto social pode ser gerador de estruturas diferentes, mesmo com formas e funções homogeneizadas.

Por outro lado, a metropolização como processo que altera as práticas espaciais (espaço percebido) e as representações do espaço (o espaço concebido), altera também a vida cotidiana (espaço vivido) das sociedades que estão sob o domínio desse processo. Retomando Ferreira (2016), para fundamentar este argumento, os hábitos e os valores mudam, e isso parece ser natural pelo fato de este novo espaço que está sendo produzido, desejar que os hábitos e valores sejam semelhantes aos da sociedade metropolitana – não como sentido de pertencer à Região Metropolitana, que exerce uma função administrativa, mas de pessoas que vivem em uma metrópole ou de espaços metropolizados. A mercadificação, característica essencial da metropolização, ao se tornar generalizada, tem como principal

meio mediador a mercadoria e não qualquer que fosse a mediação anterior à metropolização.

Quando se trata do espaço amazônico, estas características apontadas até aqui se tornam mais evidentes. O imaginário criado pelo senso comum sobre o espaço amazônico é de um espaço onde o tempo passa de forma mais lenta, com áreas de florestas densas e modo de vida pacato, esse imaginário paira inclusive sobre as suas cidades. Não há de se negar que em alguns espaços ainda é assim. Entretanto, o processo de metropolização tem alterado as características postas por esse imaginário.

Como exemplo, aponta-se como rebatimento espacial as metrópoles de Belém e Manaus, capitais dos estados do Pará e Amazonas, respectivamente e as cidades médias de Marabá, Parauapebas e Abaetetuba, todas no Estado do Pará – todos dentro do contexto amazônico. A intenção não é realizar uma discussão aprofundada sobre cada um desses exemplos, mas ilustrar que o imaginário criado pelo senso comum tem se contraposto a partir do processo de metropolização. É evidente que em cidades maiores a metropolização é bem mais expressiva se comparada às cidades menores, ou seja, é bem mais notado em Belém e Manaus se comparado à Marabá, Parauapebas e Abaetetuba.

Figura 1 – Manaus vista de cima



Fonte: Portal da Floresta. Disponível em: www.portaldafloresta.com.br. Acesso em 01/12/2024.

Manaus (Figura 1) é a capital do Estado do Amazonas, possui 2.063.689 habitantes, praticamente metade de toda população do estado (IBGE, 2022). A justificativa para esse fato perpassa pela concentração de atividades em Manaus, portanto, gera uma atração populacional intensa. A partir da observação da Figura 1, percebe-se uma homogeneidade na paisagem que remonta ao modernismo notado em outras metrópoles fora do contexto amazônico. Dessarte, afirmando a homogeneidade apontada aqui.

Figura 2 – Belém vista de cima



Fonte: Correio do Cidadão. Disponível em: www.correiodocidadao.com.br .
Acesso em : 01/12/2024.

Belém (Figura 2), capital do Estado do Pará, possui cerca de 1.303.403 habitantes (IBGE, 2022). Apesar de ter pouco mais que metade da população de Manaus, Belém também vive o mesmo processo de homogeneização na sua paisagem urbana. O Estado do Pará tem uma economia espacializada de forma mais dispersa se comparada ao Amazonas, o que justificaria uma população menor em sua capital e um maior número de cidades médias em seu território.

Figura 3 – Marabá vista de cima



Fonte: www.zedudu.com.br . Acesso em: 01/12/2024.

Os municípios de Marabá (Figura 3) e Parauapebas (Figura 4) têm economias pujantes relacionadas à mineração, tendo isso em vista, os municípios receberam inúmeras obras, relacionadas às condições gerais de reprodução do capital, além de ter recebido um considerável contingente populacional, atraídos pela crescente economia. Marabá figura com cerca de 266.533 habitantes e Parauapebas com 267.836 habitantes, segundo dados do IBGE (2022). Apesar de estarem distantes geograficamente da capital paraense (Marabá dista cerca de 500km e Parauapebas cerca de 650km), já podemos observar, na paisagem urbana, uma homogeneização espacial, com prédios de arquitetura modernista.

Figura 4 – Parauapebas vista de cima



Fonte: Jornal Diário do Pará. Disponível em: www.diariodopara.com.br .
Acesso em: 01/12/2024.

Abaetetuba (Figura 5), é mais próxima da capital em relação aos exemplos anteriores, distante cerca de 70km, tem sua economia ligada prioritariamente ao setor terciário. Sua população é cerca de 158.188 habitantes, segundo o IBGE (2022). Por estar mais próxima da capital, teve uma dependência intensa de Belém por muito tempo. Atualmente, essa dependência tem sido cada vez menor tanto pelo aumento da oferta de serviços quanto pelos investimentos em outros setores da economia. Talvez isso explique uma paisagem ainda em processo de modificação, nota-se uma mudança ainda muito tênue sobre o espaço, o que comprova que este processo está se ampliando sobre o território amazônico.

Figura 5 – Abaetetuba vista de cima



shutterstock.com - 2430402835

Fonte: www.shutterstock.com . Acesso em 01/12/2024.

A partir da observação das imagens, nota-se que de fato há um processo de homogeneização, característica marcante do processo de metropolização em vigor no espaço amazônico. Em alguns espaços nota-se com mais intensidade e outros, menos intensidade. Mas o processo está impresso no espaço amazônico e em franca expansão. Observa-se uma ampla modificação das formas, que, em muitos casos, podem parecer dispares à paisagem do espaço amazônico. Também se observa ainda formas modernas e tradicionais na paisagem convivendo e coexistindo no mesmo espaço-tempo. Características que alteram as formas, funções e estruturas; bem como o espaço percebido, concebido e vivido. Nota-se um processo de homogeneização, portanto, não apenas em suas formas e funções, não apenas no seu espaço concebido e percebido, mas também nas estruturas e no espaço vivido, pois os processos e as mediações entre

os entes sociais tornam-se diferentes a partir de então, promovido pelo processo de metropolização em curso na Amazônia.

Homogeneização-desamazonização-(re)existência: uma contribuição para analisar a metropolização na Amazônia.

É muito comum nas ciências humanas e sociais o uso de tríades dialéticas como ferramenta de análise de objetos espaciais de pesquisa. As tríades estão presentes tanto dentro da Geografia, desde os mais contemporâneos como, por exemplo, Harvey (2013) e o espaço absoluto-espaço relativo-espaço relacional, Ferreira (2019) e a materialização-substrução-projeção, e os mais clássicos como Santos (1978) forma-função-estrutura, como tem a tradição fora da geografia como em Lefebvre (1991) e o espaço percebido-espaço concebido-espaço vivido. Apenas para citar alguns.

Essas formas de tríades são realmente dialéticas, ou seja, não são simples conceitos separados que se juntam para formar um trio. Os conceitos de cada um dos elementos da tríade está presente nos outros. É isso que faz ser uma tríade dialética e não apenas um trio de conceitos. E mais que isso, todos eles têm como ponto de partida a análise da realidade. A realidade, então, deve ser ponto de partida das análises espaciais de qualquer que seja a ciência humana e social, caso contrário, corre-se o risco de as discussões científicas se tornarem apenas no campo teórico. Sem efetividade de aplicação prática.

Tendo o “real” como ponto de partida de análise é que se propõe a contribuição desse trabalho. A proposição deste texto é um

esforço metodológico para analisar o processo de metropolização que ocorre no espaço amazônico a partir da tríade homogeneização-desamazonização-(re)existência. A exemplo das tríades exemplificadas, a que se propõe aqui também não é um simples amontoado de três palavras e seus conceitos. A intenção é que cada um elemento da tríade esteja presente nos outros e vice-versa. Porém, para efeitos explicativos didáticos, faz-se necessário conceituar cada elemento separadamente para posteriormente relacioná-los.

A homogeneização como consequência do processo de metropolização foi abordada e exemplificada no capítulo anterior. As paisagens urbanas passam a seguir um mesmo padrão. Os seus prédios, suas ruas, seus costumes... são padronizados a partir de “exemplos de sucesso e modernidade” e as cidades se tornam espaços acinzentados, envidraçados, asfaltados etc. As pessoas só são notadas e valorizadas se têm determinados trabalhos, costumes consumistas, se vestem determinadas marcas e se frequentam determinados lugares. Esse movimento acaba por padronizar (homogeneizar) para além das paisagens, passa também por uma marcha de homogeneizar as pessoas, hábitos, consumos, aparências...

Isso nos leva ao segundo elemento da tríade proposta, o que está sendo chamado de “desamazonização”. Há de se assumir que é um termo bastante polêmico, principalmente pelo momento de valorização de identidades no qual estamos vivendo. A valorização de identidades de grupos ou povos está evidência e cada vez mais ampliadas as discussões. Porém, o termo desamazonização não é a desvalorização da identidade amazônica, pelo contrário, é apontar e

chamar a atenção para um movimento que tem padronizado nossas paisagens e costumes, tendo como efeito o apagamento das identidades.

As metrópoles amazônicas tiveram como principal meio de ocupação, os rios. Entretanto, os rios, atualmente, não são mais o principal meio de circulação no interior delas. Ademais, os terrenos próximos aos rios foram ocupados de forma a “escondê-lo”. Soares (2020) aponta que os terrenos de marinha e os acrescidos de marinha no espaço metropolitano de Belém, acabou sendo ocupado pela propriedade privada, privando o acesso ao rio. Os espaços públicos de acesso ao rio acabam tornando-se apenas paisagens turísticas “além das praias, o que se tem são as famosas ‘janelas para o rio’, espremidas em meio às propriedades privadas” (Soares, 2020, p. 102).

Em 1992, a banda chamada Mosaico de Ravena já apontava para um processo de apagamento das identidades amazônicas, a desamazonização (no termo proposto aqui). Segue a letra da música para análise:

**Belém-Pará-Brasil (Mosaico
de Ravena)**

Região Norte
Ferida aberta pelo progresso
Sugada pelos sulistas
E amputada pela consciência
nacional

Vão destruir o Ver-o-Peso
Pra construir um shopping
center
Vão derrubar o Palacete
Pinho
Pra fazer um condomínio
Coitada da Cidade Velha
Que foi vendida pra
Hollywood
Pra ser usada como albergue
No novo filme do Spielberg

Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés
Tropeçando em vocês

A culpa é da mentalidade
Criada sobre a região
Por que tanta gente teme?
Norte não é com M
Nossos índios não comem
ninguém
Agora é só hambúrguer
Por que ninguém nos leva a
sério?
Só o nosso minério

Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez

Não queremos nossos jacarés
Tropeçando em vocês

Aqui a gente toma guaraná
Quando não tem Coca-Cola
Chega das coisas da terra
Que o que é bom vem lá de
fora
Transformados até a alma
Sem cultura e opinião
O nortista só queria fazer
Parte da nação

Ah! Chega de malfeituas
Ah! Chega de triste rima
Devolvam a nossa cultura
Queremos o Norte lá em cima!
Por quê? Onde já se viu?
Isso é Belém!
Isso é Pará!
Isso é Brasil!

Segura!
Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Quem quiser venha ver
Mas só um de cada vez
Não queremos nossos jacarés
Tropeçando em vocês

Quem quiser venha ver
Mas só um (aí, sumano)
De cada vez (tá pai d'égua!)
Não queremos nossos jacarés
Tropeçando em vocês

Tropeçando em vocês
Tropeçando em vocês (e o
cheiro do Pará?)

Tropeçando em vocês (olha o jacaré!)

Fonte: site Letras. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/mosaico-de-ravena/268048/>

Na letra, o autor usa símbolos da paisagem cultural de Belém como o Ver-o-Peso, o Palacete Pinho e o Bairro da Cidade Velha (bairro implantando na área de origem da cidade de Belém, contendo prédios e igrejas históricos, características que, ainda que mal preservadas, contam a história da cidade) e aponta, de forma figurada, a transformação desses ambientes símbolos históricos em padrões impostos (shopping center, condomínio e albergue de filme estadunidense, respectivamente). Também faz uma referência a uma padronização cultural quando diz “Nossos índios não comem ninguém, agora é só hamburguer/Aqui a gente toma guaraná, quando não tem Coca-cola, chega das coisas da terra que o que é vem lá de fora/Transformados até a alma, sem cultura e opinião, o nortista só queria fazer parte da nação”.

É evidente que a crítica feita em forma de música não está relacionada ao processo de metropolização, mas ela também cabe no que estamos propondo aqui. A mudança na arquitetura histórica e de símbolos culturais por algo que pareça mais “moderno” é uma das marcas da homogeneização imposta pela metropolização. A mudança de hábitos, costumes, consumo e modo de vida, também. Tanto a primeira exemplificação de mudança quanto a segunda nos dão uma ideia de ressignificação de uma identidade em metamorfose com a ocorrência do processo, de desamazonização.

Contudo a música nos direciona para uma forma de resistir a essa metamorfose de paisagens e costumes quando diz “Devolvam a nossa cultura/Queremos o Norte lá em cima!/Por quê? Onde já se

viu?/Isso é Belém!/Isso é Pará!/Isso é Brasil!”. O que nos orienta ao terceiro elemento da tríade, a (re)existência. Primeiro, necessita de uma explicação do porquê do uso do parêntesis na grafia: para ter tanto o significado de resistência, no sentido de luta por manter viva uma identidade através da manutenção de símbolos, hábitos, costumes, modo de vida cotidiano; mas também pra ter um sentido de apenas existir, sendo a forma encontrada pra sobreviver em meio a essa metamorfose por não conseguir se encaixar completamente no novo modo de vida imposto pela metropolização e que a única forma de existir (como sobrevivência) foi mantendo o modo de vida tradicional amazônico ribeirinho, não por possibilidade de resistência mas por não estar inserido de forma efetiva no processo. Essa (re)existência tem por intenção abarcar essas duas realidades, mesmo que com intenções diferentes, acabam por manter o modo de vida tradicional amazônico vivo.

Como toda tríade dialética bem fundamentada na realidade, esta proposição de homogeneização-desamazonização-(re)existência em cada um dos seus elementos composto em cada um dos outros elementos. Se olharmos pelo elemento homogeneização, conseguimos enxergar a desamazonização (pela resignificação da identidade) e a (re)existência (seja pela luta ou pela marginalização em existir). Na desamazonização, enxergamos a homogeneização (como sendo consequência de) e a (re)existência (sempre em um processo dialético de produção do espaço). Dentro do prisma da (re)existência, há a convivência com processo de homoneização e desamazonização, visto que o espaço é uma totalidade e produto social. Portanto, há diferentes espaços produzidos coexistindo em um mesmo espaço. A (re)existência não está isolada, mas convivente com um espaço metropolizado.

Considerações finais

Analisar o território amazônico é instigante e envolvente. A Amazônia é, muitas vezes, tomada como a parte de processos que ocorrem no Brasil, como um ente diferente, como um espaço recortado ou que não vivencia as mesmas características do país. Ou isto possa ser apenas um desabafo de uma impressão de um amazônida que escreve este texto. Porém o teor deste artigo aponta que a Amazônia vive sim características de “modernização e sucesso” propostos e impostos aos fatos urbanos.

Apesar de ser ainda em menor intensidade, a metropolização tem produzido um novo espaço amazônico. Um espaço com velocidade acelerada da vida, hábitos, costumes, vivências, processos e paisagens urbanas diferentes dos anteriores à metropolização. Aquela Amazônia mais lenta ainda existe, mas as grandes e médias cidades amazônicas têm passado por essas metamorfoses citadas.

A Amazônia já tem, há alguns anos, a sua população morando em áreas urbanas. Entretanto, a metropolização é um processo mais intenso e, muitas vezes, até agressivo. Por esta característica de agressividade é que há a proposição da tríade homogeneização-desamazonização-(re)existência.

A exposição feita dessa tríade já mostra que a metropolização padroniza paisagens e vivências, causando apagamento das características culturais amazônicas e acaba por gerar grupos marginalizados desse novo processo. Estes continuam reproduzindo o modo de vida tradicional amazônico, de maneira bem restrita, como modo de sobreviver na desigualdade deste novo espaço produzido.

Além disso, existem aqueles que realmente resistem à metropolização. Aqueles que entendem que devem manter seus

hábitos, costumes, vivências e processos. A resistência é uma ação voluntária a um processo de homogeneização que se mostra agressivo. Resistir em meio a processos capitalistas, como a metropolização, é uma tarefa que exige força e coragem.

A expectativa é que a proposição dessa tríade venha elucidar de que forma a metropolização tem produzido um novo espaço amazônico. Um espaço que não inclui, pelo contrário, diferencia e marginaliza, cada vez mais, sua própria população e, quem sabe, a partir das análises desta realidade, desvelar um futuro amazônico menos desigual, mais inclusivo, que guarde mais suas tradições, costumes, hábitos e paisagens. E por que não, um futuro mais utópico, nos termos de Lefebvre, isto é, um caminho em direção a um objetivo final.

Referências bibliográficas

CORREIO DO CIDADÃO. **Figura 2 – Belém vista de cima.** Disponível em: www.correiodocidadao.com.br . Acesso em: 1 dez. 2024.

FERREIRA, A. Caminhando em direção à metropolização do espaço. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online). v. 2, n. 3, 2016, p. 441-450.

FERREIRA, A. Materialização, substrução e projeção: uma construção teórico-metodológica como contribuição para o desvelar da produção do espaço. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 35–43, 2019.

HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**, v. 14, n. 28, p. 8-39, 29 abr. 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **idades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://idades.ibge.gov.br/> . Acesso em: 15 dez. 2024.

JORNAL DIÁRIO DO PARÁ. **Figura 4 – Parauapebas vista de cima.** Disponível em: www.diariodopara.com.br . Acesso em: 1 dez. 2024.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space** . Blackwell, 1991.

LEFEBVRE, Henri. **Critique de la vie quotidienne**. Paris,: B. Grasset, 1947.

LENCIONI, S. Metropolização do espaço e a constituição de megaregiões. In: FERREIRA, A.; RUA, J.; MATTOS, R. C. (Org.). **Desafios da metropolização do espaço**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p. 35-68.

LENCIONI, S. Metropolização do espaço: processos e dinâmicas. In: FERREIRA, A; RUA, J; MARFON, G. J; SILVA, A. C. P. (org.). **Metropolização do espaço: gestão territorial e relações urbano-rurais**. Rio de Janeiro: Consequência, 2013. p. 17-34.

LETRAS. Belém-Pará-Brasil (Mosaico de Ravena). Disponível em: www.lettras.mus.br/mosaico-de-ravena/268-48 . Acesso em: 1 dez. 2024.

LUTFI, E. P.; SOCHACZEWSKI, S.; JAHNEL, T. C. As representações e o possível. In: MARTINS, José de Souza (org). **Henri Lefebvre e o Retorno a dialética**. São Paulo: Hucitec,1996.

PORTAL DA FLORESTA. **Figura 1 – Manaus vista de cima**. Disponível em: www.portaldafloresta.com.br . Acesso em: 1 dez. 2024.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: USP, 2006.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SHUTTERSTOCK. **Figura 5 – Abaetetuba vista de cima**. Disponível em: www.shutterstock.com . Acesso em: 1 dez. 2024.

SOARES, D. A. S. O patrimônio fundiário da união na zona costeira do estado do Pará: sobreposições entre o público e o privado. In: NASCIMENTO, Durbens Martins et al. **Regularização Fundiária na Amazônia Legal: êxitos, impasses e desafios para as cidades**. Belém: NAEA, 2020. cap. 3, p. 69-108.

TAVARES, F. R. **Metropolização do espaço e enredamentos de rebeldia e resistência: da biopolítica espacial de negação do ser político às tramas políticas de ação rebelde**. Tese de doutorado. Orientador: Álvaro Henrique de Souza Ferreira. 2020.

ZEDUDU. **Figura 3 – Marabá vista de cima**. Disponível em: www.zedudu.com.br. Acesso em: 1 dez. 2024.

Recebido para publicação em 21/03/2025

Aceito para publicação em 27/08/2025